

Barbárie e civilização na trilogia do cacau de Adonias Filho: vingança, violência e morte

Bárbara Albuquerque da Paixão
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras:
Linguagens e Representações (UESC)
E-mail: barbara.apaixao@gmail.com

Isaías Francisco de Carvalho
Professor de Literaturas Anglófonas (UESC)
Doutor em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura (UFBA)
E-mail: isaiaasfcarvalho@gmail.com.

Recebido em: 15/08 /2015.
Aprovado em: 11/10/2015.

Resumo: O trabalho, de cunho descritivo-bibliográfico, tem como principal objetivo analisar a perspectiva da barbárie-civilização, com base em Tzvetan Todorov (2010), nos personagens da chamada trilogia do cacau – a saber: *Os servos da morte* (1986), *Memórias de Lázaro* (1970) e *Corpo Vivo* (1989) –, de Adonias Filho. Para tanto, estabelecemos o contraponto entre a imagem simbólica do “fruto de ouro”, comumente propagada na sociedade grapiúna contemporânea, e as representações fundacionais adonianas, baseadas em vingança, violência e morte. Espera-se que este trabalho promova discussões *outras* acerca dessa imagem promovida, diferenciando-a do modo de elevação e glória pertencentes a esse imaginário sul-baiano.

Palavras-chave: Barbárie. Civilização. Trilogia do cacau. Imagem simbólica.

Barbarism and civilization in Adonias Filho's cocoa trilogy: revenge, violence and death

Abstract: The work, descriptive-bibliographic in nature, aims mainly at analyzing the perspective of barbarity-civilization, based on Tzvetan Todorov (2010), in the characters of the so-called cocoa trilogy – namely: *Servants of Death* (1986), *Memories of Lazarus* (1970), and *Living Body* (1989) –, by Adonias Filho. We establish the counterpoint between the symbolic image of the “golden fruit”, commonly propagated in the contemporary Grapiúna society, and the Adonian foundational representations, based on revenge, violence and death. It is hoped that this work will trigger further discussions about this promoted image, differentiating it from the way of elevation and glory belonging to this South-Bahia imaginary.

Keywords: Barbarism. Civilization. Cocoa trilogy. Symbolic image.

Nesta comemoração do centenário de nascimento do escritor sul-baiano Adonias Aguiar Filho, gostaríamos também de prestar-lhe uma singela homenagem. Para tanto, optamos por iniciar este trabalho saudando a esse ilustre imortal, que, em sua posse na Academia Brasileira de Letras, discursou sobre a liberdade humana: a liberdade das escolhas e principalmente sobre a força da liberdade literária. Esse autor, filho de Itajuípe, rompeu com os padrões comumente propagados na literatura sul-baiana cacauzeira. Remando contra a maré, Adonias Filho revelou uma estética literária subjetiva, metafísica e trágica.

Homem que, quando criança, se encantava com a força da oralidade dos trabalhadores de cacau, compôs uma realidade quase pouco divulgada nesse cenário: a morte *na* e *pela* terra, a vingança como mantenedora da vida e a violência como artífice para as ínfimas possibilidades de sobrevivência. Todas essas características envoltas numa natureza avassaladora onde a luz do sol era (quase) impenetrável.

Ao nos debruçarmos sobre suas obras, de uma maneira geral, percebemos que o lugar adoniano estava distante da repetição imagética em torno do “fruto de ouro”, a saber: a imagem construída em torno do cacau fabuloso. O saudosismo marcante, propagado nos diversos tipos de autores e textos, histórias e causos acerca desse imaginário, insiste em manter resguardado o tempo do paraíso na terra – o “tempo bom” do coronel –, além de ser comumente perpetuado no cotidiano grapiúna contemporâneo.

Tais ações são enfatizadas e enaltecidas enquanto marcas de identidade e pertença e mantêm resguardado o tempo de glória das fazendas de cacau. Porém, em que consiste a glória em se matar por meio de traição, se mutilar corpos e dizimar famílias inteiras? Como manter essa memória vinculada a atos heroicos que criaram sua morada em propriedades completamente dizimadas pela vingança?

Para responder a essas inquietações, optamos pela trilogia do cacau adoniana: *Os servos da morte*, *Memórias de Lázaro* e *Corpo vivo*. Essas narrativas nos facultaram argumentos aos incitamentos aflorados, pois nelas percebemos que tanto os personagens quanto o ambiente ilustrado apresentam como temática, não o fabuloso fruto de ouro, mas o seu tormento. Os protagonistas, Paulino Duarte (*Os servos da morte*), Alexandre (*Memórias de Lázaro*) e Cajango (*Corpo vivo*), se estabelecem com ações suplantadas da glória e do heroísmo (comumente caracterizado por ações desbravadoras), muito mais próximas da animalidade, impetuosidade e incivilidade.

Os servos da morte, publicado em 1946, é o primeiro romance de Adonias Filho. Essa narrativa, sobrepõe o tema da vingança como possibilidade de ajustamento particular: a fazenda Baluarte é o pano de fundo sobre o qual se desenvolvem ações violentas, pérfidas e abomináveis.

Não nos passou despercebido o nome da fazenda Baluarte. Seria uma ironia adoniana? Segundo Homero, na *Iliada*, o herói grego Ajax geralmente tem o seu nome vinculado ao epíteto “baluarte dos aqueus”. A qualificação elogiosa insinua que, com Ajax lutando ao lado dos gregos, eles seriam imbatíveis, pois baluarte implica sustentáculo, local absolutamente seguro, inviolável. Já em *Os servos da morte*, Adonias Filho introduz outro significado, precisamente o seu avesso: a fazenda Baluarte parece estar à ágora da insegurança, da fraqueza, da miséria e crueldade humanas. Estaria Adonias tentando justificar a conduta das personagens a partir da compreensão de homem/humano enquanto insignificante, abjeto e desprezível? Ou essa voz foi silenciada na tentativa de se resguardar a memória produzida pela sociedade grapiúna contemporânea como um autor de influência clássica?

Ambientada nessa região grapiúna, *Servos da morte* tem como personagem principal o patriarca Paulino Duarte. A narrativa parece indicar que o conjunto de adversidades, ao qual as personagens da família Duarte estão interligadas, tem início nas engrenagens subterrâneas que afloram com as frustrações e elucubrações ilustradas (planejamento, execução e sentença) de Elisa, esposa de Paulino. Como podemos perceber nesse trecho:

Suportara-o, suportaria-o ainda durante muitos anos, não fora perceber que a doença se transmitira, ali estava na carne dos seus filhos. Quase enlouquecera ao verificar ter sido o instrumento por ele usado para desenvolver aquela herança maldita. Desejou que tudo acabasse queimado pelo fogo, ela vendo os ossos dos filhos sepultados no barro da casa. (ADONIAS FILHO, 1986, p. 8).

A contenda cotidiana travada entre a cultura da ilustração (Elisa é fruto da educação formal, dos valores cristãos ensinados nos internatos) e os impulsos primitivos (Paulino Duarte é criado com os cães) se encerra com o advento deste em função do preterimento daquela. Elisa tem em Ângelo, filho ilegítimo, a possibilidade de

vingar-se de Paulino. Após sua morte, a personagem se transforma no espectro do filho que não vive, senão como a sua sombra, seu reflexo macabro, a sua presença terrificante.

Ao transitar pela sede (as descrições adonianas das habitações das fazendas) encontramos, em cada detalhe, a rusticidade como guia e senhora. Como exigir, então, um cabedal de ilustração à personagens tão paupérrimos quanto abastados, tão exóticos quanto comuns, tão cheios de si quanto abandonados?

A segunda obra do autor, *Mémoires de Lázaro*, publicada em 1952, narra as inquietações subjetivas do protagonista Alexandre, transpõe e configura o ambiente externo ao qual as demais personagens estão fatalmente vinculadas, o *Vale*, e apresenta os conflitos - interior e exterior - do personagem em torno ao qual se estruturam as ações nefastas.

O ambiente da narrativa revela a obscuridade e a brutalidade dos habitantes envolvidos na trama pertencentes a essa região. O *Vale* é a mortalha dos seres que o habitam, recordado por uma estrada infinita: “Infinita é a estrada com suas curvas, suas colinas e suas árvores. Onde começa, ninguém sabe. Onde termina, ninguém sabe também.” (ADONIAS FILHO, 1970, p. 3). Pode-se observar também:

Aqui, embora as moças cantem na colheita e possam os rapazes domar os potros entre gritos, negra é a alma e bruto o coração. Não que alucine o medo de ser destruído pelo semelhante, a necessidade da força física, a assistência para não ser devorado na luta impiedosa. Os fracos, aqui, morrem nos seios das mães. Restam as feras que se apaixonam com ódio, insensíveis e rudes. Mas, agarrados à crosta do vale como prisioneiros, como animais enjaulados numa planície sem céu, refletem na angústia do sangue o pânico da obscuridade e da solidão. (ADONIAS FILHO, 1970, p. 5).

A sociabilidade urbana não encontra eco no ambiente em questão. Todas as relações parecem regidas pela força e violência, inclusive a constituição familiar. Alexandre toma Rosália para si, na condição de consorte. Ela projeta casar-se com qualquer homem que a liberte do julgo paterno e que sobretudo a ajude a cumprir o designo jurado pelo parricídio. Espancada desde seu nascimento, a personagem informa ao então marido, Alexandre, que espera um filho do seu próprio irmão.

Temas caros aos habitantes do interior do país, o parricídio e o incesto perpassam a narrativa adoniana com crueza suficiente para

nos fazer ver o quanto estamos vinculados aos excessos e interditos. Os tormentos do protagonista parecem principiar quando Rosália é encontrada morta. Alexandre, então, segundo as usanças recordadas por Jerônimo: “o vale precisa saber que só agora você vai matar.” (ADONIAS FILHO, 1970, p.78), necessita harmonizar o costume aviltado: vingar-se. Porém, na peregrinação em busca da verdade dos fatos é informado pelo protetor/abusador de Rosália que, em sua ausência, ela teria atraído Gemar Quinto, leproso habitante tolerado do vale, pois vislumbrava a grande contaminação (a grande vingança): transmitir a peste a todos os habitantes do Vale.

O terceiro romance adoniano, publicado em 1962, *Corpo vivo*, apesar da recorrência do tema vingança e da crueldade do entorno do fruto de ouro em que se encontram inseridas as vicissitudes do protagonista, sugere a uma possibilidade de redenção, simbolizado pelo *ninho*.

Cajango é o único sobrevivente da sangrenta luta de posses na região do cacau. Vendo, ainda criança, sua família ser dizimada, é levado por Padrinho Abílio para as Matas do Camacã, onde passa a ser criado pelo seu tio, o autóctone Inuri, o qual ao menino ensinava o que lhe parecia ser a vida, moldando-o para se tornar um homem em busca de vingança: “[...] porque não pode viver quem não vive para vingar o pai e a mãe.” (ADONIAS FILHO, 1989, p. 20). Sob suas ordens, forma-se um grupo de homens armados e autônomos que vivem espalhando o medo pela região, mas que não atingem os donos de fazendas, os mandantes, pois reconhecem que estão em número menor de armas e de jagunços. Ilustra-se:

O sul inteiro associa o Camacã ao nome de Cajango. Esconde-se na selva com seus homens, na espera, para saltar sobre o inimigo. Todos os foragidos se protegem à sua sombra e os assassinos, como o Alto, nele se encostam. Alguns ao bando se uniram nos povoados, os sem destino, desiludidos com a aventura do cacau. Quem quer que venha, porém, não tarda a provar a obediência: um homem para Cajango é um rifle. (ADONIAS FILHO, 1989, p. 45).

Entretanto, o protagonista conhece Malva e, com a chegada da mulher para o convívio comum, ocorre a inversão de perspectiva: Inuri a rejeita, “[...] pois veio como fêmea perturbar os homens. Uns aos outros, por causa dela, se morderão como cachorros.” (ADONIAS FILHO, 1989

p. 104), porque percebe que o intento de vingança está ameaçado. Para reposicionar o objetivo, Inuri desafia Cajango para uma luta, na qual é morto, iniciando a dissolução do grupo. O casal consegue se desvencilhar dos seus perseguidores fugindo para a Mata, onde não serão encontrados.

Adonias Filho, nessas obras, parece se preocupar em estabelecer um equilíbrio entre a concepção e a realização, pois seus romances obedecem a um roteiro pré-determinado. Nas três narrativas utiliza o recurso central para marcar os personagens e as obras: os personagens narram suas histórias, dialogam pouco e há a presença do narrador onisciente. O autor assume muitas vezes o caráter de primeira pessoa como uma tentativa de generalizar o sofrimento e as dificuldades do “destino humano”, dando a entender que seus personagens limitam-se a viver num impasse geral. O foco dessas narrativas seria, portanto, a maldade infinita dos homens (através dos atos de vingança), a ancestralidade (vinculada à violência) e a herança maldita (associada à morte).

Para Ronaldes de Melo e Souza (2015, p. 1), Adonias Filho configura uma trama de efabulação dramática pois, a intriga central que norteia o destino de todos os personagens gira sempre em torno da morte. A multiplicação dos focos narrativos reflete as diversas tentativas para se compreender o tenebroso mistério da vida que não cessa de morrer e da morte que não cessa de renascer das sombras da violência, do clamor e da vingança.

Por seu turno, Robson Dantas (2010, p. 24) defende que o marco diferencial da literatura adoniana está em revelar o caráter moral, social e cultural das famílias grapiúnas a partir de um espaço real, impondo, contudo, à sua narrativa uma carga simbólica, cujos personagens funcionam como suportes para as indagações intelectuais. Para ele, Adonias Filho pressupõe um homem patológico em todas as atividades humanas, cujas ações, egoístas, insensíveis e amorais, o afastam do preceito cristão (solidariedade, fraternidade e compaixão). Dessa maneira, segundo o autor, o conjunto da obra adoniana está implicitamente associada às questões políticas da sua região e à crítica ao homem materialista saído do marxismo.

Assim elencados, o modo de narrar a terra e os embates valorativos atribuem a Adonias Filho um marco diferencial na literatura regional cacaueira. Os elementos de meio e momento não represam a sensibilidade do ficcionista, que possui um estilo com grande força sugestiva: o humano de carne e osso.

Em suma, em alusão às três primeiras obras do autor, *Servos da morte*, *Memórias de Lázaro* e *Corpo vivo*, reconhecidas pela crítica literária como *A trilogia do cacau*, têm o ponto de convergência comum: ao mesmo tempo em que o cacau é plano de fundo, deixa de sê-lo para dar espaço ao drama humano do tormento do cacau: não está a natureza sugestiva do ambiente, mas como esse ambiente sugere a esses personagens a ações de insensibilidade, crueza e tormento.

O sentido do fruto de ouro está comumente condicionado à construção e manutenção de uma memória vinculada à glória remanescente do cacau. Porém, nessa trilogia do cacau, Adonias Filho ilustra, não essa condição fabulosa, mas enaltece fazendas amaldiçoadas, relações condicionadas pelo uso da força e da brutalidade, por ambientes funestos e pelo disfarce indiscriminado da vingança, ou seja, por ações distanciadas ao preterido pela memória do grapiúna. Desse modo, a trilogia do cacau tem como fina cortina o ambiente cacauero sim, mas que, quando aberta, revela os atos de barbárie promovidos tanto pelo ambiente quanto pelos personagens. Esse espetáculo, cujo ápice está remetido à crueldade aprisionada de Ângelo condicionado a fúria da vingança, Alexandre com seu *abilio interior* associado à violência íntima e Cajango, que tem através da morte o triunfo. Essas ações, ao que aparece nesse contexto, estão muito mais próximas da animalidade, impetuosidade e incivilidade, estando, portanto, distanciada dos atos irretocáveis.

Para Todorov, em *O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações*, essas ações revelam que o perfil do bárbaro está condicionado a um comportamento avesso ao praticado coletivamente, pois “[...] eles se comportam como se os outros não fossem seres humanos.” (TODOROV, 2010, p. 27). Dessa maneira, para executar os atos mais íntimos, eles não levam em consideração o ponto de vista dos outros. Podemos usar como exemplo:

Tangido, saltando por vezes e por vezes trotando, o animal foi permitindo que a distância diminuísse. [...] Imobilizado, movia ainda a cabeça. Nesse instante, tão suado como o animal, um dos Luna esmurrou seus olhos – os olhos claros e belos olhos que logo se converteram numa pasta de sangue. O animal estremeceu, soprando. E vi afinal que os dois Luna, enquanto Jerônimo cuspiam nas mãos, rasgavam a princípio com um pedaço de estaca a boca do cavalo. Feito o talho, jorrando o sangue, o corpo ainda debatendo, completaram com as próprias mãos, os dedos presos aos dentes, a abertura que transformou a boca numa chaga horripilante.

Sentaram-se, depois, sobre o animal, ambos ensanguentados, e começaram a gargalhar. (ADONIAS FILHO, 1970, p. 63-4).

Tal exemplo pode ilustrar o modo de agir das personagens adonianas, circunstanciadas a determinado ambiente (promotor de solidão avassaladora) caracterizado pela ausência de impulso altruísta e de minoração das agruras alheias. Essa perspectiva pode fazer com que o leitor venha a identificar esses personagens – e a defini-los – como bárbaros, “[...] aqueles que negam a plena humanidade dos outros. Para ele, o civilizado é quem sabe reconhecer plenamente a humanidade dos outros.” (TODOROV, 2010, p. 27-32; grifo nosso).

Todorov demonstra que o medo do desconhecido pode ensejar, nas comunidades autóctones, comportamento idêntico aos promovidos e praticados por associações avessas. Argumenta também que a redução da identidade múltipla do indivíduo à identidade única faculta a irrupção da violência, transformando o conjunto da identidade em identidades assassinas, o que os define como bárbaros. Dessa maneira:

Os bárbaros são aqueles que transgridem as leis fundamentais da vida comunitária por serem incapazes de respeitar a distância ajustada na relação com os próprios pais: assim, sinais confirmados de barbárie são, por um lado, o matricídio, o parricídio e o infanticídio; e por outro, o incesto. (TODOROV, 2010, p. 35).

Assim observado, a perspectiva de Todorov perpassa essa trilogia do cacau, como podemos observar na seguinte passagem de *Os servos da morte*:

No seu íntimo, em movimentos desencontrados, passava e repassava os quadros da sua miséria. Lisinha chorando, esperneando, ele correndo, espinhos rasgando o corpo da criança. Depois, no centro da roça, rindo-se como um ébrio, torturado por uma aflição sem limites, jogara-a no chão, pisando-a, enterrando-a quase na lama do brejo. Apanhou-a com asco, agitou-a, mas ela não se movia. Atirou-a sobre um pequeno monte de pedras, e correu. (ADONIAS FILHO, 1986, p. 235).

Ainda segundo TODOROV (2010 p. 36), Os bárbaros são aqueles que estabelecem uma verdadeira ruptura entre eles próprios e os outros homens. Por extensão, aqueles que recorrem, sistematicamente, à violência para resolver seus desacordos são considerados como aparentados à barbárie.

Ao que parece, essas relações, apesar da tentativa do esquecimento grapiúna, estão sobrepostas ao *modus vivendi* dessa região, pois, ao mesmo tempo em que há uma tentativa do esquecimento, há também a expectativa de sua continuidade.

Porém, é possível projetar uma civilização do cacau ancorada nessas práticas que os identificam? É possível definir identidade, ou identidade grapiúna? A estrutura complexa desse conceito permite diversas interpretações tanto das áreas literárias, quanto de áreas afins. Dessa maneira, a discussão que aqui encetamos trata diretamente da construção e manutenção da imagem, dúbia, vinculada no entorno do cacau. A imagem que os *outros* projetam sobre essa condição.

A partir do choque de sentido da autocaracterização e da caracterização *extramuros*, nos ancoramos em determinados modelos possibilitando que relações sejam estabelecidas. Relações que sustentam a coletividade de um povo. Adonias Filho, na trilogia do cacau, parece querer ilustrar uma construção diferenciada dos demais autores e do *modus* dessa região.

Para essa discussão, Hall, em *Quem precisa de identidade*, trata da questão da identidade e da diferença – centro da teoria social e da prática política hoje. As antigas fontes de ancoragem das características peculiares de um povo, a saber, a família, o trabalho e a igreja, estão em crise evidente, mesmo que grandes parcelas das sociedades persistam em negar. Novos anseios culturais se fazem visíveis na cotidianidade, buscando afirmar suas características e circunstâncias, ao mesmo tempo em que questionam a posição privilegiada das expressões até então hegemônicas: “A abordagem desconstrutiva vê a identificação como uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre em processo. Uma vez assegurada, ela não anulará a diferença.” (HALL, 2000, p. 106).

Dessa maneira, novos anseios culturais se fazem visíveis na cotidianidade, buscando afirmar suas características e circunstâncias, propondo que o conceito de identidade deveria estar sujeito a uma historização em um constante processo de transformação e de mudança. A identidade, portanto, está associada a um conjunto

organizado segundo determinados valores que sustentam a coletividade de um povo:

O conceito de identidade aqui desenvolvido não é, portanto, um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional. [...] Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2000, p.108; grifo nosso).

A partir desses teóricos, parece possível então problematizar as estruturas identitárias, pertencentes à região grapiúna contemporânea através das narrativas adonianas. Tais narrativas implicam outra conduta ao leitor. Precisamente, a de admissão e conformidade a determinada mudança de perspectiva na maneira ou forma de ilustrar a realidade sul-baiana cacauera.

A trilogia do cacau parece não objetivar o despertar de sentimentos e pensamentos irretocáveis, cujos méritos ultrapassem o normal (concepção heroica clássica). Pelo contrário! A apresentação das forças em jogo faculta a apreensão daquela profundidade obscura que nos constitui, do que fora até então recalcado, do interdito moralmente e que em Adonias Filho, através das tramas, se transformam em recurso para convencer, para alterar a opinião e o comportamento recordando a difícil tarefa de fracassar.

Finalmente, por que e para que ler Adonias Filho? Crítico literário, jornalista, político, ensaísta, homem social etc. Todos esses atributos estão menores diante da perspicácia narrativa desse escritor que procurou ilustrar a região do cacau de um modo diferenciado, incomodado e cruel: seus personagens – Ângelo, Alexandre, Cajango e toda a civilização nascida no entorno do cacau (os que derrubaram as matas, os que perderam famílias, os que enlouqueceram, os que sentiram o ar impregnado pelo odor do fruto de ouro e os que mancharam as mãos com o sangue atávico) – foram revelados, para essa sociedade grapiúna, como tipos humanos distanciados da glória e do heroísmo propagado nas histórias e causos acerca dessa região.

A grandeza adoniana reside justamente em se colocar na con-

tramão do imaginário dourado grapiúna, ao propagar a imagem dessa civilização vinculada à barbárie, que ora nos surpreende e move, ora preferimos esconder e perder.

O ambiente primitivo das narrativas permeou este trabalho para demonstrar o homem fadado às ações instintivas da existência questionadora, perturbadora e hostil.

No discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, retomo ao início dessa apresentação, Adonias consagrou essa região, fazendo-nos perceber o quanto estamos vinculados aos atos monstruosos, próprios da tradição de valores prontos, estanques e condicionados a uma memória que parece precisar ser reescrita e repensada. Esse posicionamento está incondicionalmente ligado à liberdade: das escolhas, das palavras, da motivação para a busca incessante de se autoconstruir e de construir mundos e da reconstrução da nossa realidade.

Por esse motivo e por tantos outros, esse autor e sua trilogia foram escolhidos para ilustrar não o imaginário glorioso do cacau, mas, a partir deles, a possibilidade de se compreender esse imaginário social e cultural tão predominante. A intenção não está condicionada a ver o grapiúna como um bárbaro, mas, a partir dessas atitudes representadas na obra adoniana, a compreender de que barro viemos. Ler Adonias – e homenageá-lo – é prestigiar a coragem de um romancista em revelar que não só de fruto dourado vive a memória de um homem, não só de glória se constitui uma civilização, mas de seu entendimento, de suas fraquezas, de seus medos. Ler Adonias Filho significa um resgate de quem somos, de onde estamos, de como fazemos e de que perspectivas comungamos.

Referências

ADONIAS FILHO. **Sul da Bahia**: chão de cacau (uma civilização regional). 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1976.

_____. **Os servos da morte**. 6. ed. São Paulo: DIFEL, 1986.

_____. **Memórias de Lázaro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970.

_____. **Corpo vivo**. 23. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1989.

ADONIAS FILHO. **O romance brasileiro de 30**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1969.

ADONIAS FILHO. Experiência de um Romancista. Conferência no Simpósio de Literatura Brasileira em Brasília. Promovido pela Fundação Cultural do Distrito Federal, VIII Encontro Nacional de Escritores, 1973. **Jornal Minas Gerais**, Suplemento Literário, 9 de fevereiro de 1974, pág. 2.

ADONIAS FILHO; AMADO, Jorge. **A nação grapiúna**: Adonias Filho na Academia. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965.

AMADO, Jorge. **Cacau**. Livraria Martins Editora: São Paulo, 1982.

_____. **São Jorge dos Ilhéus**. 18. ed.. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944.

_____. **Gabriela, cravo e canela**: crônica de uma cidade do interior. 36. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1969.

_____. **Terras do sem fim**. 19. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943.

BRASIL, Assis. **Adonias Filho**; ensaio. 1. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões Editora: R, 1969.

BRUNO, Haroldo. **Naturalismo e supra-realismo em Adonias Filho**. Estudos de literatura Brasileira, 2ª série. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1966.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 2. ed. vol. III. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante. **Enciclopédia de Literatura Brasileira**, v. I. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1961.

DANTAS, Robson Norberto. **Entre a arte, a história e a política**: itinerários e representações da “ficção brasileira” e da nação brasileira em Adonias Filho (1937-1976). 2010. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas.

FALCÓN, Gustavo. **Os Coronéis do Cacau**. Salvador: CED/UFBA/INAMÁ, 1995.

FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro; PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. **Caminhos ao Encontro do mundo**. A capitania, os frutos de ouro e a princesa do sul, Ilhéus 1534-1940. Ilhéus: EDITUS, 2001.

FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro. **Os donos dos frutos de ouro**. 1979.(dissertação de mestrado). Salvador : Universidade Federal da Bahia- UFBA.

HOMERO. **Iliada**. (em versos). 2. ed. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

LAVIGNE, Euzínio. **Regionalismo literário**. Rio de Janeiro: Edições Gernasa, 1971.
LITRENTO, Oliveiros. **Surrealismo e ficção**. Suplemento literário do jornal O Estado de São Paulo, 19/10/1963.

LORENZ, Gunter. **Diálogo com a América Latina**. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1973.

LOPES, Ruth Silvian Brandão. **Corpo vivo**: tessitura da violência. 1978. Tese (doutorado). Minas Gerais: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

MATTOS, Cyro. **Berro de fogo e outras histórias**. 2. ed. Ilhéus: EDITUS, 2013.

NETO, Euclides. **Dicionareco das roças de cacau e arredores**. Ilhéus: EDITUS, 1997.

PARANHOS, Maria da Conceição. **Adonias Filho**: representação épica da forma dramática. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

SOUZA, Ronaldes de Melo. **O romance dramático de Adonias Filho**. Disponível em: <www.geocities.ws/ail_br/oromancedramaticodeadonias.htm>. Acesso em: 18 abr. 2015.

TODOROV, Tzvetan. **O medo dos bárbaros**: para além do choque das civilizações. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2010.

VIEIRA, José Haroldo Castro. **O visgo do cacau**. São Paulo: GRD, 1994.